Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho¹

Ronaldo Helal - Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC/Uerj).

1 – Introdução: o “fenômeno” e o “atleta”

Este artigo dá continuidade a uma análise realizada logo após a Copa do Mundo de 1998 em torno da narrativa jornalística sobre a trajetória do jogador Ronaldo Nazário, o Ronaldinho². Aqui me concentro na cobertura esportiva durante a Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coreia, com o objetivo de analisar os recursos acionados pela imprensa na construção da história de Ronaldinho rumo ao posto de herói da seleção³.

De fato, a narrativa em torno da trajetória de Ronaldinho rumo ao posto de herói começa paradoxalmente, na França, em 1998, quando o atleta teria sucumbido na final às intensas pressões nele depositadas. Naquele momento, segundo análise da edição dos jornais impressos⁴, os fãs “descobriram” que o mito era um “homem como outro qualquer”, passava mal, “dormia abraçado ao pai nos momentos difíceis”, e ainda, de forma emblemática, tratava-se de “um menino”. Na “queda” do ídolo, presenciamos sua “humanização”. Ao invés do super-homem Ronaldinho, o fenômeno, “descobrimos” Ronaldo, o homem.

Minha hipótese apostava no fato de que, nesta inversão, estaríamos abrindo, sem nos darmos conta, o caminho para a trajetória heróica de Ronaldinho. O super-homem das histórias em quadrinhos, por exemplo, nos fascinou justamente por viver entre os homens sob as falsas vestes do jornalista Clark Kent. Conforme análise de Umberto Eco (1979: 247/248) Clark Kent é um tipo “aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado e míope” e, por isso mesmo, através de um processo de identificação, qualquer um pode “nutrir secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade”. Paralelamente, é como se o problema sofrido por Ronaldinho aproximasse

¹ Este artigo foi apresentado no GT “Esporte, Política e Cultura” do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais realizado em Caxambu, 2002. Uma versão ligeiramente modificada foi publicada em *Motus Corporis*, vol.9, n.2 – Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física – Rio de Janeiro, Unversidade Gama Filho, 2002.

² Ver Helal (1998) e Helal in Helal, Soares e Lovisolo (2001).

³ Os jornais coletados foram Jornal do Brasil e o Globo. Sou grato a Daniele Rivera, bolsista de iniciação científica da Uerj e Nathalia Machado, aluna da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, pela coleta do material.

o ídolo dos fãs, aumentando a identificação e iniciando uma nova trajetória do candidato a herói.

A narrativa clássica do herói fala de superação de obstáculos, redenção e glória. Até a Copa de 1998, a narrativa impressa em torno da figura de Ronaldinho não falava de superação, provações, obstáculos nem tampouco de redenção e glória. Sua trajetória tinha sido iniciada curiosamente como mito⁵. Ronaldinho não era “o fenômeno” somente devido às suas qualidades excepcionais para a prática do futebol. Jovem, rico, eleito por duas vezes consecutivas o melhor do planeta, ele era o atleta mais festejado pela mídia internacional. Até então não tínhamos presenciado fenômeno semelhante de narrativa mítica, iniciada de forma tão meteórica e espetacular, sem que o ídolo esportivo tivesse superado obstáculos e provações no caminho e nem ao menos tivesse conquistado um triunfo para dividir com a comunidade⁶.

Desta forma, o processo de humanização do mito que se iniciou imediatamente após o fracasso na final da Copa de 1998, lançou as bases para uma nova narrativa. A trajetória iniciada primeiro como mito, ganhou um contorno mais humano. O “fenômeno” saiu de cena e deu lugar a um atleta com problemas físicos e uma “dívida” a pagar. Para Joseph Campbell (1995: 40) estas situações de “afastamento” tornam-se necessárias para que o herói “volte renascido, grandioso e pleno de poder criador”.

A “derrota” e o “fracasso” denunciavam o conteúdo humano que se encontrava embutido na figura do ídolo e destacavam o duelo entre a fragilidade do “homem” e o peso da “capa de herói”. Desta forma, podemos dizer que a construção de sua figura, iniciada como mito, passou a possuir as condições necessárias para torná-lo um herói ainda mais mítico e convincente. A hipótese geral na análise anterior nos levava a crer que se Ronaldinho viesse a se tornar o herói de uma conquista expressiva da seleção, o drama que o envolveu naquela Copa do Mundo seria sempre lembrado e narrado de forma mítica como um emblema de provações e perdas superadas “espetacularmente” pelo atleta.

⁴ Na época, foram analisadas as edições do Jornal do Brasil e do Jornal O Globo durante toda a Copa do Mundo até uma semana após a final. Sou grato a Rodrigo Silva e Fábio Borges, então bolsistas de iniciação científica da Uerj, pela coleta do material impresso.

⁵ Estou considerando apenas a edição de sua trajetória durante a Copa do Mundo de 1998. Naquele período, até aparecia em algumas notas a informação de que ele teria sido na infância “um menino pobre de Bento Ribeiro”. Mas o que predominava era a idéia de fenômeno.

⁶ Poderíamos citar o exemplo de Pelé que surgiu como o melhor ainda bem cedo, aos 17 anos na Copa de 1958. No entanto, não tínhamos o fenômeno de “mídiação” que observamos na atualidade. Mas mesmo Pelé passou por provações após ter se contundido na Copa de 1962, onde atribuímos a vitória às atuações de Garrincha, e após o fraco desempenho da seleção na Copa de 1966. Foi somente em 1970 que Pelé conseguiu, de fato, consagrar-se como o “Rei do Futebol”.

2 – “Somente o Título Mundial Fará as Pessoas Esquecerem 98”

Da final contra a França até a Copa de 2002, Ronaldinho passou por inúmeras provações. Primeiro as contusões e cirurgias sofridas no joelho, depois os questionamentos de que “não era tudo aquilo que a mídia dizia ser”⁷. Durante a péssima campanha da seleção nas eliminatórias para a Copa quase não se falou em Ronaldinho⁸. Logo após a classificação, o anúncio de que o técnico Luís Felipe Scolari iria convocá-lo gerou questionamentos. Será que valeria a pena escalar um jogador que estava tanto tempo parado, recuperando-se de uma séria lesão no joelho e ao mesmo tempo deixar de fora Romário, o “herói do tetra”, e que, apesar da idade avançada para a prática do futebol, vinha marcando gols nas partidas que disputava?

Com o fato consumado – Scolari não convocou o “herói do tetra”, preferindo levar Ronaldinho - as dúvidas permearam o imaginário de colunistas e torcedores. Muitos não acreditavam em sua recuperação, outros continuavam achando que “ele nunca tinha sido aquilo que se dizia dele”, os fãs torciam muito por ele mas todos tinham na lembrança a final da Copa de 1998.

Assim, a dois meses do início da Copa, o jornal O Globo traz uma matéria na última página da seção de esporte⁹ com o título “Ronaldo Já Respira Copa do Mundo” (O Globo, 31/03/2002: 42) onde a ênfase recai na ansiedade do atleta em disputar sua terceira Copa do Mundo, uma alusão à juventude de Ronaldinho vista tanto como possibilidade de conseguir êxito em futuras competições como indicativo de experiência no torneio. Ao fim da matéria, é anunciada uma entrevista com Ronaldinho na página 41 com o sugestivo título: “Somente o Título Mundial Fará as Pessoas Esquecerem de 98”.

De certa forma, a edição do jornal não deixa de ser uma maneira de lembrar a “dívida” que Ronaldinho contraiu com os fãs brasileiros¹⁰. Primeiro temos uma matéria que

⁷ Esta impressão foi extraída de várias opiniões coletadas informalmente com os alunos da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, além de conversas com amigos e fãs do esporte. Um pouco antes da Copa de 2002, fui entrevistado para o programa Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão, e perguntado sobre esta questão. Ou seja, a própria mídia questionando se o “fenômeno” não seria uma “fabricação” dela mesma. Na edição que foi ao ar no dia 24 de maio de 2002, no entanto, isso não ficou claro.

⁸ A seleção brasileira ficou ameaçada de não se classificar para a Copa do Mundo de 2002, só conseguindo a vaga na última partida disputada contra a Venezuela.

⁹ A última página da seção de esporte é considerada a mais nobre, a não ser quando o jornal publica um suplemento especial de esportes (como ocorre às segundas-feiras e em períodos de Copa do Mundo ou Olimpíadas) quando a primeira página torna-se a mais importante.

¹⁰ Observemos que estamos diante de um fenômeno recente em que o ídolo brasileiro pouco jogou no Brasil, tendo construído a maior parte de sua carreira na Europa. Assim, Ronaldinho não pertence a nenhuma facção

ressalta a ansiedade do atleta em disputar mais uma Copa do Mundo – sua terceira – e logo em seguida uma entrevista remetendo à final da Copa da França. A primeira pergunta da entrevista concedida a Maurício Fonseca dá o tom que inspirou o título da reportagem: “A Copa de 2002 é a chance que você esperava para apagar tudo o que aconteceu em 98?” Ao que Ronaldinho responde: “(...) as pessoas só vão esquecer aquela derrota quando eu ajudar o Brasil a conquistar o título de campeão do mundo. E acredito que isso seja possível já na próxima Copa”. O “devedor” assume a “dívida” e ressalta as oportunidades que terá para pagá-la, apoiando-se na sua juventude e, conseqüentemente, nas oportunidades que terá pela frente¹¹. Isto fica mais evidente quando o jornalista pergunta se Ronaldinho estaria consciente de que aos 25 anos caminhava para disputar suas terceira Copa, fato “raro num jogador de sua idade”. Eis a resposta: “o tempo está tão a meu favor que nem mesmo o período em que fiquei parado atrapalhou minha trajetória. Tenho ainda muito tempo pela frente, muitos campeonatos e títulos para conquistar. E a Copa de 2002 é mais uma chance que tenho”(O Globo, 31/03/2002: 41). Ou seja, a dívida existe, pode ser paga imediatamente, mas caso ocorra algum imprevisto, outras oportunidades surgirão. Isto confirma a hipótese de que a trajetória de Ronaldinho rumo ao posto de herói da seleção será sempre iniciada com a derrota para a França em 1998¹².

Faltando 45 dias para o início da Copa de 2002, o Internazionale, time de Ronaldinho, vence o Brescia por 2 a 1 com dois gols dele. No dia 15 de abril de 2002, o suplemento de esportes do Jornal do Brasil destaca na sua primeira página: “O Fenômeno Vive” enquanto que O Globo, embora com menos destaque, anuncia também na primeira página do caderno de esportes: “O Retorno do Fenômeno Ronaldo”. Curioso mesmo notar que da final contra a França até este momento, a alcunha “o fenômeno” tinha saído de cena e as matérias sobre o atleta tratavam-no somente por Ronaldo ou Ronaldinho, um jogador em recuperação de uma séria contusão no joelho. As provações pelas quais estava passando iam traçando sua trajetória rumo ao posto de herói. Em ambas reportagens, Ronaldinho faz

especial das torcidas brasileiras. A sua trajetória rumo ao posto de herói fica restrita ao sucesso na seleção brasileira.

¹¹ Notemos que na Copa de 1998, a juventude de Ronaldinho era vista como algo positivo, no mesmo sentido de poder conquistar muitos títulos e bater novos recordes, até a partida final contra a França. A partir daquele momento, a juventude passou a ser vista como algo negativo, no sentido de que teríamos depositado nossas esperanças em alguém muito jovem, imaturo, que não saberia suportar às pressões. Agora, a juventude volta a ser vista como positiva, mas não temos mais como vê-la por uma ótica negativa, já que Ronaldinho atravessou períodos de crise, obstáculos, provações, e, portanto, tratava-se de um atleta mais experiente (não era mais “apenas um menino”).

¹² A reportagem vai “construindo” sentido – o devedor e a dívida - e Ronaldinho, enquanto sujeito psicológico e consumidor da mídia, assume a dívida e aposta na juventude para pagá-la.

um desabafo, criticando os que duvidavam de sua recuperação. Na última página do caderno de esportes do O Globo o título da matéria confirma o processo de mitificação do ídolo: “Ronaldo volta a ser Ronaldo”. O título sugere que de um Ronaldo humano, renasce um outro “fenomenal”, que andava “afastado” ou “adormecido”. Conforme disse anteriormente, esta base humana confere uma maior identificação com os fãs e contribui para mitificar a trajetória do herói.

Após mais uma vitória do Internazionale, desta vez sobre o Piacenza, os jornais brasileiros voltam a dar destaque à atuação de Ronaldinho, enfatizando os elogios e a adoração dos italianos por ele. “A Itália a seus Pés” e “Il Fenomeno” eram as manchetes do suplemento de esportes de O Globo do dia 29 de abril de 2002. A matéria de centro diz que “a Itália está apaixonada por Ronaldo de novo” e destaca os elogios do presidente do Inter dizendo que “ele está melhor do que antes”. É como se estivéssemos querendo mostrar para nós mesmos que a aposta em Ronaldinho era legítima, pois até mesmo os italianos continuavam venerando-o.

Porém, uma semana antes do início da Copa de 2002, as incertezas voltaram. Declarações do preparador físico da seleção de que “Ronaldinho estreará na Copa fora de forma” (JB, 24/05/2002) somada às chances de gols desperdiçadas pelo atacante no amistoso contra a Malásia em que o Brasil venceu por 4 a 0, criaram um ambiente de ceticismo na narrativa midiática. Em “Ronaldinho e os Céticos” (JB, 28/05/2002), a matéria destaca que ele “transformou-se no grande ponto de interrogação da Seleção na Copa do Mundo” e que “aqueles que teimam em duvidar de o atacante conseguir recuperar a forma em tão pouco tempo antes do Mundial ganharam força nas atuações apagadas de Ronaldinho contra a Catalunha e a Malásia”. No entanto, a matéria destaca que o técnico Scolari não manifestava preocupação com o fato de que Ronaldinho não estava fazendo gols com a facilidade que marcara antes e sublinha que “quero que ele guarde (os gols) para a hora certa, no Mundial”.

Se em 1998, Ronaldinho, então com 21 anos, era a grande esperança do título, principalmente após a saída de Romário, e a seleção entrava como favorita ao título, em 2002 havia um ambiente de mais incerteza e cobrança. O desempenho ruim nas eliminatórias, a incógnita sobre o condicionamento físico de Ronaldinho e o “fracasso” na final contra a França na Copa anterior, deixaram o torcedor brasileiro desesperançoso no início da Copa de 2002. Além disso, diferente de 1998 quando o noticiário voltava-se quase que exclusivamente para Ronaldinho, em 2002, as atenções se dividiam entre Rivaldo,

Ronaldinho Gaúcho e ele. E um certo tom de cobrança era destacado no noticiário em relação a todos eles¹³.

3 – “Virar o Jogo para Sempre”

Com a proximidade da Copa, o Jornal do Brasil e O Globo passaram a publicar diariamente suplementos especiais de esportes (não somente aos domingos e segundas-feiras, como de costume). O suplemento do Jornal do Brasil tinha em média 8 páginas, aumentando para 10, 12 e 14, dependendo da vitória da seleção, e principalmente na semana final da Copa, enquanto que o do O Globo tinha sempre 16 páginas. A maioria das matérias era dedicada à Copa do Mundo, com exceção de algumas notas que falavam de outros esportes e do Campeonato de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, que estava ocorrendo no mesmo período. Após a coleta do material, foram selecionados somente os suplementos que continham matérias especiais sobre Ronaldinho ou matérias sobre a seleção em que ele tivesse destaque. Isto nos proporcionou uma visão ampla de como a trajetória de Ronaldinho foi sendo “construída” e “narrada” nestes veículos. De uma forma geral, não houve diferenças significativas sobre a narrativa em torno de Ronaldinho nos dois veículos¹⁴.

Nos dias que antecederam a estréia da seleção contra a Turquia, Ronaldinho era visto com bastante desconfiança por conta do seu preparo físico. O noticiário se dividia entre elogios a Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo e a apreensão sobre o desempenho de Ronaldinho nos treinos. O Globo de 31 de maio de 2002 destacava que “apatia de Ronaldo destoa do clima de otimismo de seleção” e o JB de 02 de junho de 2002 falava em “angústia de última hora”, referência explícita à incerteza que pairava sobre a performance do atleta. Ambos jornais publicaram matérias sobre o descontentamento de Scolari em relação à falta de mobilidade do atacante, porém ressaltando a luta de Ronaldinho para se superar.¹⁵

¹³ De fato, grande parte da mídia e da torcida não estavam otimistas no início da competição. Isto era evidenciado nas matérias de jornais e em pesquisas veiculadas na mídia com “torcedores de rua”. As cobranças à Rivaldo e à Ronaldinho Gaúcho diziam respeito às “fracas” atuações do primeiro com a camisa da seleção e à perda do título olímpico em 1998, quando Ronaldinho Gaúcho era a grande esperança de conquista.

¹⁴ Foram coletados todos os suplementos de esportes de ambos jornais durante todo o período da Copa do mundo. Utilizei-me também de algumas edições anteriores à Copa, por conta das atuações de Ronaldinho na Itália. Mais uma vez, sou grato a Daniele Rivera, bolsista de iniciação científica da Uerj e Nathalia Machado, aluna do 3º período de Comunicação Social da Uerj, pela coleta do material.

¹⁵ Ver principalmente “Seleção Chega ao Auge e Ronaldo Corre Para Alcançá-la” (O Globo, 01/06/2002, esportes, p.9).

Após a vitória sobre a Turquia por 2 a 1, observamos exaltações de sua atuação, declarações do jogador de “dever cumprido” de que “pode melhorar ainda mais” e ainda de que “esta Copa vai ser ganha no sacrifício” (JB, 04/06/2002), bem como o registro de que o gol que marcara foi o primeiro em partidas oficiais da seleção desde a final da Copa América, em 1999 (O Globo, 04/06/2002). Era o início de uma narrativa pontuada por registros de recordes, lembranças do passado e apostas na superação.

O noticiário passou a tratá-lo novamente de forma natural como “fenômeno”.¹⁶ Porém, diferente de 1998, o sucesso e as esperanças de conquista eram divididos com outros jogadores. O Jornal do Brasil de 6 de junho de 2002, traz uma matéria com foto de Ronaldinho e Rivaldo com a legenda: “dupla de ataque finalmente em alta.” Após a vitória sobre a China por 4 a 0, O Globo coloca na primeira página do suplemento de esportes: “O trio de erres, formado por Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo, ganha a companhia de Roberto Carlos”. No canto da matéria temos uma foto do atacante comemorando um gol com a seguinte legenda: “a alegria de Ronaldo ao fechar a goleada (...) O craque chega a dois gols em dois jogos no Mundial e ainda tem muito a evoluir ao longo da competição. Seu sorriso largo é também o da esperança da torcida quanto ao desempenho do artilheiro” (O Globo, 09/06/2002).

A responsabilidade pela conquista não recaía exclusivamente nas atuações de Ronaldinho. O noticiário tinha o cuidado de, ao mesmo tempo em que o enaltecia, colocar outros jogadores lado a lado com ele. Isto é relevante no sentido de se construir uma narrativa com um pouco mais de cuidado do que a que ocorreu em 1998. O que demonstra que a mídia, no caso os jornais, não age em completa dissonância com seu contexto social. Pairava no ar uma certa dúvida com relação a depositar no jogador toda a responsabilidade de uma conquista, principalmente pelo que ocorreu na final da Copa de 1998. Havia um sentimento misto de desconfiança e esperança.

No entanto, à medida que ia marcando gols, o noticiário, ainda que de forma cuidadosa, começava a destacar Ronaldinho dos demais jogadores e contrapunha seus feitos com a desconfiança e questionamentos que perduraram até o início da Copa. Isto pode ser entendido como uma maneira de valorizar a superação de obstáculos no caminho do candidato a herói¹⁷. Assim, o Jornal do Brasil de 10 de junho de 2002 destaca, na matéria intitulada “A Confiança de Ronaldinho”, que “a afirmação de que vai ganhar ritmo de jogo

¹⁶ Ver, por exemplo, matéria “Ronaldinho é Vice na Artilharia” onde destaca-se uma foto do atleta no meio da página cercado por 4 jogadores adversários com o título: “A Volta do Fenômeno” (JB 14/06/2002)

em plena Copa do Mundo continua valendo – e contraria, segundo ele, a previsão pessimista de que seria prematura a sua participação neste Mundial” (...) “A cada jogo que passa vou melhorar um pouco. Se o Brasil chegar à final, vou estar no ponto”. O Globo vai ao mesmo rumo destacando que “craque se diz realizado por treinar sem sentir dores e afirma que vai brigar para ser campeão e artilheiro”. E ainda: “por passar pelo que passei, sinto-me um vencedor. Só o fato de poder entrar em campo e treinar todos os dias é uma felicidade e uma grande vitória para mim. Mas ainda tenho que correr atrás do tempo perdido. Para isso, quero ser campeão do mundo e bater a marca dos quatro gols da última Copa do Mundo” (O Globo, 11/06/2002).

Temos, desta feita, um discurso recheado de declarações que nos remetem à superação de obstáculos, quebra de recordes e implicitamente à promessa de pagamento de uma dívida: a conquista de uma Copa que escapou de “forma misteriosa” na partida final¹⁸. Estas matérias se repetiam e ganhavam mais espaço à medida que a seleção ia derrotando os adversários e se aproximando das fases finais. Pelo teor rico em mensagens paradigmáticas na construção da narrativa da trajetória do herói, algumas merecem destaque.

A matéria de página inteira intitulada “A Caminho do Topo” com o subtítulo: “além do sonho do penta, Ronaldinho tem vários recordes para bater com a camisa da seleção” (JB 16/06/2002) traz o seguinte texto:

“A Copa do Mundo de 2002 pode ficar marcada pelo **ressurgimento de Ronaldinho para o futebol**. Não que o atacante tivesse dúvidas sobre a sua recuperação, apesar dos graves problemas físicos que teve de superar, mas ele precisava passar pela dura prova do Mundial e mostrar de vez que pode ser de novo o Fenômeno como ficou conhecido no mundo inteiro. “Em nenhum momento tive dúvida. Nem lembro mais que operei o joelho duas vezes, sabia que não teria problemas nesse aspecto. Mas é lógico que mostrar isso numa Copa do Mundo tem um peso muito grande”, constata. Ronaldinho está feliz e ficou mais motivado do que nunca quando informado de que, na Copa de 2002, pode conquistar mais do que a **reafirmação como craque**. Ele tem a possibilidade de quebrar recordes, de atingir marcas de jogadores consagrados e mesmo de ídolos como Zico. Segundo dados oficiais da Fifa, Ronaldinho é o quarto artilheiro da Seleção Brasileira, atrás somente de Pelé, Romário e Zico. Melhor, com 25 anos e ainda muito tempo de futebol pela frente, pode vir a atingir o topo. “Qualquer jogador do mundo ficaria orgulhoso com esses números. Fico mais feliz ainda ao lembrar quando meu pai me levava no Maracanã para ver o Zico jogar, e hoje já estou encostando nele na artilharia.”. Ronaldinho parece poder muito mais. Na sua segunda Copa - em 1994

¹⁷ Para uma análise mais criteriosa sobre o périplo do herói ver Campbell (1995).

¹⁸ Ver, por exemplo, matéria “O Que Eles Faziam Na Copa Passada” (O Globo, 28/02/2002) que será, inclusive, mencionada mais adiante.

não entrou em campo -, com os quatro gols que marcou contra Turquia, China e Costa Rica, superou artilheiros como Ademir Menezes e Careca, com sete, Rivelino e Bebeto, com seis, e igualou a marca de Leônidas da Silva, com oito gols em Mundiais. Ainda nesta Copa, pode passar Jairzinho e Vavá, com nove, e, quem sabe, Pelé e os 12 gols marcados em quatro Copas. "Não vou fazer disso prioridade. O que eu quero é ser pentacampeão do mundo. Mas serve como motivação." (grifos meus)

E na matéria intitulada “Ronaldinho Fazendo História” (JB 18/06/2002) com foto do atacante comemorando um gol, com a legenda: “com o gol marcado ontem, faltam apenas três gols para chegar aos 12 de Pelé” temos o seguinte:

“Em abril de 2000, no Hospital Petié Salpêtrière, em Paris, ao lado do filho que se recuperava da complicada cirurgia no joelho, Sônia Nazário de Lima fez uma previsão otimista em meio à incerteza que ameaçava o futuro de Ronaldinho: "Se o meu filho está passando por tudo isso, é porque algo de muito bom está reservado para ele", disse. Dois anos depois, Ronaldinho está fazendo história na Copa do Mundo. O atacante é o artilheiro da competição com cinco gols, ao lado do alemão Klose, e contabiliza nove gols em dois Mundiais que disputou como titular. Com a marca, igualou-se ao tricampeão Jairzinho, ao bicampeão Vavá e a Ademir de Menezes, da Seleção de 1950, aproximando-se dos 12 gols que fizeram de Pelé o jogador que mais marcou pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo. "Continuo com o mesmo objetivo, que é ser pentacampeão do mundo. Mas os gols estão saindo com naturalidade e dá para pensar em ser o artilheiro da Copa também", afirmou o craque." (...) Há quem garanta que Ronaldinho está melhor do que em 1998 - já marcou em quatro jogos cinco gols. "Estou me sentindo muito bem. Disse várias vezes que iria recuperar a forma durante a Copa, mas isso está acontecendo mais depressa do que se esperava", reconheceu.” (JB 18/06/2002 – página 4)

Inicialmente observamos em ambas matérias a idéia de que Ronaldinho está “ressurgindo para o futebol”, se “reafirmando como craque” e “fazendo história no Mundial”. Tudo isso, após passar por duras provações relativas às operações sofridas no joelho. O “fazer história” diz respeito à quebra de vários recordes tais como quarto maior artilheiro da seleção e um dos jogadores que mais marcou em Copas do Mundo. Ao saber que está encostando-se a Zico na artilharia da seleção, destaca-se a humildade do candidato a herói ao reverenciar aquele que foi seu ídolo no passado. Além disso, temos uma ênfase no aspecto místico e ao mesmo tempo compensador das provações que ele teve que superar, na fala destacada de sua mãe: "se o meu filho está passando por tudo isso, é porque algo de muito bom está reservado para ele”.

Aos poucos, vai-se montando o palco para uma conquista heróica e redentora. Porém, este “palco”, bem como toda a narrativa em torno de Ronaldinho, ancora-se nas atuações, ações e declarações do atleta. O noticiário edita os feitos de Ronaldinho, o que,

convenhamos, não é pouco para a mitificação em torno de sua figura. Mas o que fica evidente na análise do material coletado é a relação entre as ações do atacante e o discurso midiático. Por mais óbvio que possa parecer, esta evidência demonstra que, mesmo poderosa, a mídia, neste caso, os jornais, tem limites que a impedem de ser construtora absoluta de toda e qualquer narrativa mítica. Sempre existe algo (talento, habilidade, carisma) no “objeto mitificado” capaz de resultar em textos e narrativas “espetaculares”, “heróicas”, enfim, “míticas”. Sempre existe também um contexto social que possibilita a eficácia de construção de sentidos¹⁹.

Assim, poucos dias antes da partida contra a Turquia, já na semifinal da Copa, uma contusão muscular gerou uma série de matérias que remetiam à Copa de 1998 e colocavam em dúvida a capacidade de Ronaldinho de ocupar o posto de herói da seleção. Estaria ele à altura da missão que lhe fora imposta? Ou seja, o noticiário, a partir de um evento fortuito – uma contusão na coxa – se viu “forçado” a traçar uma nova narrativa em torno de sua figura e, mais uma vez, a referência era sempre, em última instância, a fatídica final contra a França. Certamente, toda a história em torno de Ronaldinho poderia ter sido contada de outra forma. A contusão, por exemplo, poderia gerar matérias apreensivas no sentido de a seleção jogar desfalcada de seu principal atacante. No entanto, uma saga com provações, obstáculos, questionamentos e, porventura, superações e conquistas é mais exitosa e atraente ao público. Alguns exemplos deste tipo de narrativa extraídos do noticiário são reveladores.

“Ronaldo é dúvida para o jogo decisivo” – “Problemas musculares perseguem craque há tempos” (O Globo, 23/06/2002). “Ronaldinho é uma incógnita” (JB, 23/06/2002). É como se não pudéssemos contar com ele nos momentos decisivos, seja por conta dos problemas musculares “que o perseguem há tempos, seja por ser ele uma “incógnita”, já que a manchete da matéria do Jornal do Brasil mencionada acima dá margens a interpretações que colocam em dúvida suas qualidades “decisivas”, “heróicas”. No entanto, na véspera da partida contra a Turquia, Ronaldinho treina normalmente e confirma sua escalação. De forma emblemática, a matéria “Livre das Dores, Pronto Para a Guerra” (O Globo 26/06/2002), após destacar a recuperação do atacante, informa que ele vai estreiar um novo modelo de chuteira na partida, o que gerou a seguinte lembrança:

“Em 98 Ronaldo lançou um modelo prateado que carregava pendurado ao pescoço após os jogos, numa imagem que marcou aquele vice-campeonato. Antes da

¹⁹ Para uma visão “apocalíptica” da mídia na atualidade ver Sartori (1997). E para uma discussão sobre mídia e poder na atualidade ver Helal e Gonçalves (2002).

decisão, o jogador teve uma convulsão e chegou a ser vetado, mas, após ter sido submetido a uma bateria de exames, acabou escalado para a partida em que a França venceu por 3 a 0. Que a nova chuteira traga mais sorte ao craque”

Estaria ele à altura da missão heróica? Teria ele predestinação, característica dos que alcançam o posto de herói?²⁰. O noticiário vai narrando a trajetória de Ronaldinho de acordo com suas ações e atuações nas partidas e nos treinamentos. Mas vai também, é importante ressaltar, “construindo” sentido, já que ao destacar o modelo de chuteira usado em 98 e dizer que era “uma imagem que marcou aquele vice-campeonato”, produz dúvidas sobre predestinação e destino bem como destaca, mais uma vez, o “fracasso” na decisão da Copa anterior²¹.

Na partida contra a Turquia, após um primeiro tempo “apagado”, o que levou o comentarista da Rede Globo de Televisão, o ex-jogador Casagrande, a afirmar que o atacante estava visivelmente sem condições de jogo e que deveria ser substituído, Ronaldinho destaca-se no segundo tempo marcando inclusive o gol decisivo que classificou a seleção para a final contra a Alemanha²². A partir daí, o que observamos é uma série de matérias com narrativas míticas, exaltando feitos espetaculares, mas sempre nos recordando da final contra a França na Copa de 1998. Mais uma vez, a mídia tinha a opção de não trazer mais à tona este episódio. Fortuita ou não, o fato é que a lembrança da Copa de 1998 torna a narrativa mais dentro dos padrões clássicos do périplo do herói. Vamos ao noticiário.

“Destaque do Brasil: Ronaldo. O 'Fenômeno' reviveu Romário e decidiu”. Esta foi a manchete do Jornal do Brasil de 26/06/2002. O texto enfatizava o fato de que o técnico da seleção não convocou Romário para a Copa pois apostava em Ronaldinho e desta feita o “fenômeno teve seu dia de Romário”, pois “numa partida em que o Brasil jogou mal, parecendo nervoso, Ronaldo decidiu, com um gol de jogada individual”. A matéria destaca que “a jogada, inclusive, foi muito parecida com o gol de Romário contra a Suécia, o gol que salvou o Brasil de uma derrota na primeira fase”. Já a edição de O Globo do dia 27 de junho de 2002 trouxe a seguinte manchete na primeira página do caderno de esportes:

²⁰ Uma vez mais ver Campbell (1995) sobre o “chamado da aventura” do herói.

²¹ Ressaltemos, no entanto, e uma vez mais, que a eficácia da construção de sentido está inserida em um contexto social propício a este tipo de indagação.

²² Notemos que, no universo do futebol, costuma-se dizer que jogadores considerados decisivos não devem ser jamais substituídos, posto que eles têm a capacidade de decidir o jogo em um lance. O comentário de Casagrande revelou que o comentarista não considerava Ronaldinho um jogador decisivo. Seria interessante investigar se o comentário teve aceitação do público naquele momento.

“Ronaldaço”, com uma caricatura do atleta ocupando a página inteira (na cabeça a bandeira brasileira). Na matéria de dentro (p.3), temos a manchete “Ronaldo Desabafa: o meu pesadelo acabou”, com o subtítulo “Craque comemora o fato de ter provado a si mesmo que já superou os problemas de contusão que, por dois anos, ameaçaram seu futuro e afirma: ‘Fiz um gol a la Romário’”

Ambas matérias ressaltam a atuação decisiva de Ronaldinho e a comparam com Romário, herói do tetracampeonato. Lembrar de um herói de uma conquista de Copa de Mundo para falar de Ronaldinho é mostrar confiança no potencial do candidato ao posto. Por mais que o gol de Ronaldinho lembrasse, de fato, o estilo de gols marcados por Romário e ainda o gol marcado por este contra a Suécia na Copa de 1994, a dimensão dada à semelhança espetaculariza o feito do candidato a herói. E o destaque dado ao desabafo de Ronaldinho contribui para “exorcizar” o fantasma do passado e nos trazer de volta a confiança que estávamos depositando nele após suas atuações durante a Copa. É uma forma também de preparar o palco para a construção da narrativa espetacular do herói.

Nos dias que antecederam a partida final contra a Alemanha, o noticiário, ao mesmo tempo em que destacava os feitos de Ronaldinho - gols marcados, quebra de recordes, superação de obstáculos, participação decisiva em algumas partidas – continuava trazendo à tona a final contra a França na Copa anterior. O jornal O Globo de 28 de junho de 2002, por exemplo, publica uma matéria sobre “O que eles faziam na Copa do Mundo Passada” com foto de Ronaldinho e a seguinte legenda: “No auge: Ronaldo já estava no Inter de Milão. Na Copa, teve um problema misterioso na final contra a França. Depois passaria por um calvário por causa do joelho”. Na edição do dia 29 de junho 2002 o mesmo jornal destaca que “Ronaldo Não Quer o Título de Salvador da Pátria” e coloca que “Ronaldo está a 24 horas de um momento pelo qual esperou quatro anos. Desde 13 de julho de 1998, um dia após a derrota para a França em Paris, que ele sonha com a final da Copa de 2002. A caminhada foi difícil, cheia de obstáculos, mas depois de muitos percalços e decepções ele chega inteiro ao desafio” A matéria termina da seguinte forma: “É lógico que Ronaldo gostaria de terminar o Mundial como artilheiro. Mas sua obsessão pelo título é tão grande, que ele abre mão de qualquer outra coisa para ser campeão e apagar de uma vez por todas o drama de 1998”. Ainda na mesma edição (O Globo, 28/06/2002: 11) ficamos sabendo que “Pelé Compara Sua História à de Ronaldo” com destaque para a afirmação de Pelé de que “contei-lhe o drama vivido por mim depois da Copa de 1966, na Inglaterra, quando me

contundi e o Brasil acabou desclassificado. Disse a ele que não desisti e que acabei sendo o destaque da Copa seguinte”.

Temos, assim, comparações com os feitos do herói da Copa de 1994 – Romário -, com as provações que passou o herói do tricampeonato – Pelé -, e permeando quase todas as matérias, a lembrança do “fracasso” na Copa de 1998, seja em tom de alerta (será que podemos confiar nele?) ou da oportunidade de redenção do atleta (é chegada a “hora de ajustar contas com o passado”).

A edição do Jornal do Brasil do dia 29 de junho de 2002 traz a manchete “O Drama que Virou Piada - Jogadores Brincam com Ronaldinho sobre problema de 1998” com o seguinte texto:

O fantasma da Copa do Mundo de 1998, materializado na convulsão que quase deixou Ronaldinho fora de combate no jogo final contra a França, se transformou no assunto recorrente na véspera da decisão com a Alemanha. Mas o que pode ser motivo de apreensão para os torcedores brasileiros e tema das insistentes perguntas de jornalistas é motivo de brincadeira para os jogadores - eles tratam o problema de maneira bem-humorada como contou, por exemplo, o lateral Belletti. "A gente está brincando muito com o Ronaldinho. Pergunta se ele não quer que alguém fique com ele, para socorrer no caso de ele passar mal", disse. (...) Ronaldinho tem como objetivo deixar seu nome marcado nesta Copa. "Sabia que jogaria outra final. Trabalhei muito duro para isso. Tento não associar essa decisão com o que aconteceu há quatro anos. É outra história, que, esperamos, vai ter também um desfecho diferente", disse o atacante, que classificou uma derrota na final, caso ela aconteça, como "um fracasso". "Para muita gente, ficar em segundo lugar pode ser bom, mas para nós, brasileiros, qualquer coisa que não seja o título é fracasso”.

A matéria deixa evidente que Ronaldinho, por mais que tenha dito que não quer o título de “salvador da pátria” (O Globo, 29/06/2002) está chamando a responsabilidade para si e que considera um novo vice-campeonato “um fracasso”, no caso seria “mais um fracasso”. Chamo a atenção para a edição do noticiário. Não é que Ronaldinho não tenha afirmado isso ou aquilo, mas certamente ele disse muitas outras coisas também que, por alguma razão, não foram destacadas. O que vamos observando até a partida final contra a Alemanha é um noticiário com foco primordialmente em Ronaldinho, suas atuações na presente Copa, suas declarações e freqüentemente a lembrança da Copa passada. Temos, desta forma, uma atmosfera dramática, tensa, própria do universo esportivo, principalmente em vésperas de partidas finais. Mas esta dramaticidade vai se desenhando, de certa forma, com a edição do noticiário, com a seleção de notícias que são destacadas. Assim, nada mais natural que, no dia da final, as manchetes fizessem referências explícitas ao “fantasma da Copa de 98” e à possibilidade de redenção de Ronaldinho, como por exemplo “Para

Ronaldinho, a hora de ajustar contas com passado - Só a Conquista do Penta vai apagar a tragédia da final de 98” (JB, 30/06/2002). Essas referências fazem sentido com toda a narrativa construída desde o início da Copa.

Após ter marcado os dois gols da vitória por 2 a 0 contra a Alemanha, Ronaldinho tomou conta do noticiário e confirmou a hipótese levantada após a Copa de 1998 de que sua saga seria narrada tendo sempre como início a final contra a França, já que foi ali que ocorreu o processo de humanização do mito, fundamental para estreitar a identificação com os fãs. Mesmo quando o noticiário destaca que “as novas imagens de Ronaldinho, **as que ficarão para sempre**, mostram novamente a arrancada irresistível do atacante, os dois gols diante da Alemanha na final da Copa do Mundo e, por fim, a taça em suas mãos” (JB, 01/07/2002, grifos meus), a lembrança da Copa de 1998 está presente. Ainda que a manchete destaque “Ronaldinho vira o jogo para sempre” (JB, 01/07/2002), a redenção e a consagração como herói de uma conquista vão ter sempre como ponto de partida o “fracasso” na Copa anterior. Duas passagens do noticiário resumem, de forma exemplar, como a saga de Ronaldinho parece fadada a ficar para sempre vinculada à final contra a França em 1998²³. A primeira encontra-se na matéria “Ronaldo Volta no Tempo e Recupera a Glória” (O Globo, 01/07/2002):

“Além de voar, o homem sempre alimentou o sonho de fazer o tempo voltar. Ronaldo, autor dos gols do título, conseguiu. Ele superou os traumas do passado e está nas nuvens. Quatro anos após a derrota na final contra a França, o Fenômeno recuperou em grande estilo a taça perdida. Foi o artilheiro do Mundial com oito gols, quebrando o recorde de sete, do polonês Lato, que durava desde 1974 (...)”

E ainda em “Fenômeno de Superação e Talento” (O Globo, 01/07/2002):

“O supercraque – que, com 12 gols em Copas do Mundo, igualou a marca de Pelé na seleção brasileira – mostrou que, com a mente focada num objetivo, ninguém o segura. Ao ser perguntado se antes da final vinha a sua cabeça os problemas que teve na Copa da França, não titubeou: Estou vivendo a Copa do Mundo do Japão e Coréia do Sul. A da França e o que aconteceu nela são coisas do passado para mim. E foi o que se viu: um jogador de raríssimo talento, ultra concentrado no ofício.”

A edição dá uma dimensão “espetacular”, “grandiosa” aos supostos obstáculos superados por Ronaldinho, e “o trazer à tona” a final contra a França contribui para o êxito da narrativa. Interessante notar também a ênfase na “mente focada num objetivo” ou “ultra concentrado no ofício”, formas de nos remeter à “convulsão” do atleta na final da Copa de

²³ Da mesma forma que os confrontos entre Brasil e Uruguai são sempre relatados tendo com base a final da Copa de 1950 no Uruguai. Ver Souto (2002).

1998, que supostamente teria desviado dele o foco no objetivo. Mais do que ênfase, estamos diante de uma construção de sentido, de certa forma inserida em um contexto sócio-esportivo propício à produção dos significados atribuídos a vitória do atleta.

Essas construções contêm informações que, parafraseando Lasch (1983:105) “não são nem verdadeiras, nem falsas, mas simplesmente críveis”. Elas não estão transformando em verdade algo falso, mas em “realidade” algo que “não existia”. E a eficácia da construção comprova-se inclusive no próprio discurso do atleta em questão, já que Ronaldinho também é consumidor da mídia e enquanto sujeito psicológico incorpora as “realidades” ali “construídas” e passa a fazer declarações inseridas no contexto criado que, por sua vez, tem que estar relacionado a um contexto existente na sociedade. A narrativa midiática da trajetória mítica em torno da figura de Ronaldinho nos mostra que estamos diante de uma relação dialética e dinâmica entre as ações do “objeto mitificado” – Ronaldinho -, o contexto social e o discurso do noticiário impresso – por sua vez também gerador de contextos.

Ainda no final da matéria citada acima, uma declaração de Ronaldinho dá o tom do que ainda está por vir: “Ainda posso jogar a Copa do Mundo da Alemanha” (O Globo, 01/07/2002), referência explícita ao fator positivo de sua juventude, no sentido de novas conquistas e quebras de recordes. A saga continua.

Referências Bibliográficas

Campbell, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Cultrix, 1995.

Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1979

Helal, Ronaldo. “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” in *Motus Corporis* - Vol. 5, n. 2 - Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, Editora Gama Filho, 1998.

Helal, Ronaldo. “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” in Helal, R., Soares, A. J. e Lovisolo, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

Helal, Ronaldo e Gonçalves, Márcio. “Do Grande aos Pequenos Irmãos: relação entre mídia e controle social”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. XXV, n.2, 2002. São Paulo, Intercom/Uerj, 2002.

Lasch, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

Sartori, Giovanni. *Homo Videns: televisão e pós-pensamento*. Bauru, Edusc, 1997.

Souto, Sérgio Montero. *Imprensa e Memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Tese de Mestrado defendida em 7 de agosto de 2002 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.

O Autor

Ronaldo Helal – Professor da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Pesquisador do CNPq; Co-autor de *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, RJ, Mauad, 2001 e de *A Sociedade na Tela do Cinema: imagem e comunicação*, RJ, E-Papers, 2002; Autor de *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1997 e de *O Que É Sociologia do Esporte*, SP, Brasiliense, 1990.

Resumo

Este artigo dá continuidade a uma análise realizada logo após a Copa do Mundo de 1998 em torno da narrativa jornalística sobre a trajetória do jogador Ronaldo Nazário, o Ronaldinho. A análise concentra-se na cobertura esportiva da Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coreia, com o objetivo de investigar os recursos acionados pela imprensa na construção da história de Ronaldinho rumo ao posto de herói da seleção. O artigo parte da hipótese levantada após a Copa de 1998 de que a saga de Ronaldinho estaria fadada a ter sempre como início a final contra a França, já que foi ali que ocorreu o processo de humanização do mito, fundamental para estreitar a identificação com os fãs. A narrativa midiática da trajetória em torno da figura de Ronaldinho nos mostra que estamos diante de uma relação dialética e dinâmica entre as ações do “objeto mitificado” – Ronaldinho –, o contexto social e o discurso do noticiário impresso – por sua vez também gerador de contextos.